

A FRANQUEIRA

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

C. M. B.
BIBLIOTECA

Redacção:

Rua da Madalena, 6 — BARCELOS

Director e Editor:

PADRE BONIFÁCIO LAMELA

Administração:

R. Infante D. Henrique, 2 e 3
Tel. 8220 - BARCELOS

Composição e Impressão:

Tip. da Oficina de S. José - BRAGA

Propriedade da Confraria de Nossa
Senhora da Franqueira

ASSINATURAS

Anual 6500
De beneficiários 19800

A nossa igreja

Matriz

Foi e deve ser sempre a central das actividades religiosas, a mais concorrida de fieis, pois é a igreja Mãe como o seu nome indica. Servida por um pároco zeloso e activo como é o senhor Cónego Prior Joaquim Alexandre Gaiolas e agora também por um vigário Coadjuutor inteligente e apostólico, todos os barcelenses devem sentir-se obrigados a tomar parte nos actos de piedade que se realizem na sua matriz, a assistir a todas as instruções religiosas que por dever paroquial, aí são ministradas. As demais igrejas e capelas da cidade, são apenas auxiliares no exercício do culto e propagação do Evangelho. Não podem, nem devem, desviar da paroquial a atenção daqueles que aí foram baptizados, que aí fizeram a Comunhão Solene, onde se guardam os documentos de registo dos actos principais da sua vida cristã. Somos uma grande família que tem uma casa de Deus comum a todos, a igreja matriz. Nela devemos a miúdo ter as nossas reuniões para louvar a Deus, fortalecer o espírito com as verdades que Jesus ensinou, e também para sufagar as almas dos nossos antepassados.

Beato João de Brito

Acendendo aos constantes pedidos formulados por grande número de portugueses, Sua Santidade Pio XII acaba de marcar para a próxima primavera a canonização do santo português Beato João de Brito, em virtude de coincidir com a passagem do 3.º centenário do seu nascimento.

Que todos os portugueses se preparem convenientemente para colaborar neste acto solenissimo, que muito enobrece a nossa Pátria.

Oração para o Tricentenário da Padroeira

Senhora da Conceição, gloriosa Mãe de Deus e Rainha dos céus e da terra, nós, Vossos Filhos que, gemendo e chorando, peregrinamos neste vale de lágrimas, para Vós erguemos humildemente os olhos e o coração, rendendo-vos graças por tantos benefícios que tendes concedido, nomeadamente por nos terdes preservado do flagelo da guerra que ensangentou quase todo o mundo.

Recordando que, há precisamente três séculos, os nossos maiores, em hora aflitiva para a nossa Pátria a Vós recorreram e com inabalável confiança Vos aclamaram Padroeira da nação portuguesa, queremos reiterar êsse preito de vassalagem e pôr de novo nas Vossas mãos os nossos destinos e os destinos da nossa Pátria.

Para tanto se vai realizar em Vossa honra um Congresso Nacional em Évora e uma peregrinação também nacional ao Vosso Solar de Vila Viçosa, a renovar ali a homenagem solene de nossos pais e a proclamar-Vos de novo nossa Rainha e nossa Padroeira. Para estes actos piedosos imploramos a Vossa bênção, a fim de que não sejam apenas uma exterioridade aparatosa, mas traduzam o arfar de corações agradecidos e de almas quentes, e signifiquem o regresso de Portugal às suas nobres tradições cristãs. Assim seja.



Está a terminar o ano jubilar das comemorações do terceiro centenário da Padroeira, proclamada solenemente nas Cortes de 1646.

El-rei D. João IV fez com que Portugal tomasse Nossa Senhora da Conceição por sua Padroeira, comprometendo-se pagar anualmente um tributo à Capela daquela invocação, de Vila Viçosa — a primeira emais antiga da Península Ibérica — determinando a todas as Câmaras do País, por carta de 11 de Setembro daquele ano, que elegessem em todas as terras Nossa Senhora da Conceição sua Padroeira.

Deste modo a Virgem Imaculada ficou a ser, geral e particularmente, a Rainha de Portugal inteiro.

Assim o afirmam as placas que ainda se vêem à entrada de muitas terras, tendo a de Barcelos, existente na grande parede frontal do paço dos Condes-Duques, sido restaurada há poucos anos.

A passagem do Tricentenário da Padroeira, comemorada em todas as terras do País, ficará assinalada por três importantes actos: a grandiosa peregrinação à Franqueira de 11 de Agosto, a consagração do Concelho ao Sagrado Coração de Maria e a Coroação de Nossa Senhora de Fátima, na Capela de S. José.

(Continua na 2.ª página)

Estrada da

Franqueira

Quase todas as estâncias do género, vizinhas ou conhecidas, viram resolvido já desde há muito o acesso para as mesmas, por meio de estradas práticas e cómodas.

E' problema arrumado há bastante tempo em Santa Luzia, Sameiro, Santa Maria Madalena, Laundos, Penha, Senhora da Assunção, etc., etc.

Em Barcelos — francamente — temos sido manifestamente infelizes, porque a estrada para a Franqueira ainda não passou duma esperança.

Graças às dedicadas e louváveis diligências da actual gerência da Câmara Municipal de Barcelos, está próxima a solução completa desta falta... crónica. Espera-se — e cremos que fundadamente — que a construção do primeiro novo troço da estrada e o acabamento do último sejam iniciados em breve tempo.

Assim fazem prever as diligências das dedicadas autoridades da nossa terra.

Quando êsse facto se der, todos nós, os barcelenses — teremos motivo para a maior satisfação, porque assim se torna em realidade uma das maiores aspirações da nossa Terra.



Mês do Rosário

A devoção do rosário, tão da simpatia dos barcelenses, realiza-se, como nos anos anteriores, na Igreja Matriz, nas Capelas da Creche e do Recolhimento do Menino Deus, na Capela de São José e nas Igrejas de Nossa Senhora do Terço, do Bom Jesus da Cruz e de Santo António.

Senhor da Ponte da Vida

À Virgem da Galileia

No ano de 1740, querendo-se fazer uma obra de grande caridade ao povo que vai ao Convento da Franqueira, como é no Jubileu da Porciúncula, em que até de Barcelos vai gente pela veneração que tinha aquele antigo lugar, comunicou-se este intento com dois Párocos vizinhos, amigos e benfeitores, os quais o approvaram muito.

Eram estes, um o Padre José da Silva da Fonseca, Vigário de S.^{ta} Maria de Remelhe, que logo ofereceu para a obra meia moeda de ouro, e o outro, o Padre Manuel da Costa de Carvalho, Vigário de S. Salvador de Pereira, que ofereceu um quarto de ouro, aquêle sobrinho de um nosso religioso grave e êste irmão de outro. Era a obra fazer junto à Portaria do Convento, da parte de fora, com a água que vai às oficinas, uma fonte para dela beberem à sua vontade os que se quiosos sobem aquêle alto monte e devotamente vão aquêle deserto.

Puseram-se a escogitar que figura poriam em cima de tal fonte, se seria a de Neptuno, a quem a cega gentildade venerava por Deus das águas, ou outra fermentida deidade, como se vê em outras fontes de quintas e ornatos de jardins, quando lhe ocorreu pôr a imagem do verdadeiro Deus, senhor não só das águas mas de tudo o criado, Cristo Jesus Redentor nosso crucificado, e nisto assentaram.

Soube desta determinação um ferreiro, morador na rua da Esperança, do arrabalde de Barcelinhos, chamado Manuel Gomes dos Reis, por alcunha o Barsabu, e disse que mandassem fazer a imagem bem feita que ele a pagaria, como pagou.

Cuidaram logo em a mandar fazer e procurando-se pedra capaz, se achou no

monte da freguesia de Remelhe, distante do Convento meia légua, da outra parte do vale que divide o dito monte de Remelhe do da Franqueira.

Era a dita pedra muito grande, assim no cumprimento como na largura e altura, e parecia impossível poder-se de alguma maneira levar ao alto do Convento por ser a subida muita e em grande distância, nem poder haver carro que a levasse e em partes seria necessário demolir paredes para caber pelos caminhos. Assim o parecia e o julgavam os religiosos e mais pessoas discretas; mas não o julgaram assim rústicos lavradores da freguesia de Remelhe e de outras vizinhas, que rogados com boa vontade e não menos ousadia e devota temeridade a puseram em um carro forte, a que chamam carro de obra, que para esse efeito se buscou, e com quantidade de juntas de bois, a puseram sem perigo algum em cima à porta do Convento.

Aconteceu no caminho quebrar o eixo do carro: porém os devotos lavradores, que acompanhavam a pedra, logo aí sem demora cortaram um sobreiro e fazendo-o dêle lho puseram, sem que o dono do sobreiro pusesse algum reparo ou fizesse alguma objecção, como também a não fizeram os donos das tapadas a quem derrubaram paredes para caber a pedra pelo caminho, ainda que derrubando-as, logo os mesmos que demoliam as tornavam a levantar e pôr como estavam.

Tudo isto fizeram os devotos lavradores sem serem carpinteiros nem pedreiros, mas a sua devoção lhes dava habilidade, agilidade e forças para tudo fazerem.

(CONTINUA).

Da Crónica da Soledade.

Oração para o Tricentenário da Padroeira

(Continuação da 1.^a página)

Nacionalmente, estivemos em Maio passado em Fátima, onde um Legado do Santo Padre coroou Nossa Senhora. Foi um acto soleníssimo, de verdadeira projecção mundial. Portugal, que através de Fátima tem revivido momentos de intensa e autêntica religiosidade, ajoelhou sincera e devotamente na Cova da Iria, em preito de reconhecida homenagem à Padroeira, agradecendo-Lhe o incalculável benefício de o ter livrado da guerra. 13 de Maio de 1946 é uma data que fica assinalada, grava-da para sempre na gloriosa História nacional.

E agora, em 20 de Outubro, estaremos em Vila Viçosa, com os muito dignos Prelados portugueses, para renovar o nosso preito de vassalagem a Nossa Senhora da Conceição.

E para encerramento das comemorações se preparam importantes solenidades a realizar em Lisboa e Pôrto em 8 de Dezembro próximo.

Assim a nossa Terra volta a ser de Santa Maria e, Deus permita, que o seja pelos séculos em fora.

Os operários da Construção Civil e a Franqueira

Fomos informados por pessoas amigas de que uma Comissão de Operários representativa da Construção Civil trabalha para organizar uma romagem à Franqueira no dia 19 de Março do próximo ano, para entronização, no Santuário daquele Monte, da imagem do seu universal Patrono e Padroeiro, São José.

Será uma classe mais, além dos motoristas, a ter no alto da Franqueira o seu Patrono, que lá, como local sagrado, fica bem.

D. Elvira Barroso

É com a mais viva satisfação que damos conhecimento aos nossos leitores de que já se encontra entre nós a Ex.^{ma} Sr.^a D. Elvira Barroso, ilustre amiga e benemerita da Franqueira.

Dêste cantinho saudamos respeitosa-mente Sua Ex.^a.

Era uma vez uma virgem
em Nazareth, branca aldeia,
que tinha um noivo da origem
dos velhos reis da Galileia.

À porta do seu casal,
crescia a flor do espinheiro
como um emblema primeiro
do diadema real.

De rastos, seus pés beijavam
as plantas como as rainhas,
no seu telhado adejavam
as asas das andorinhas.

Consolar a alheia mágoa
ninguém sabia tão bem!
Era mais pura que a água
da cisterna de Belem.

Vinham as pom-bas, em bando,
sobre as suas mãos pousar,
quando fiava, cantando,
sentada à porta do lar.

Dizia a branca açucena
para a flor do rosmaninho:
— Que casta virgem morena
toda vestida de linho!

O mar que se ri da sonda
dizia em tom extranho:
— Quem me dera uma só onda
do seu cabelo castanho!

Toda a tarde, um rouxinol
cantava à flor do espinhe-ro:
— que lindo rosto trigueiro,
— que cantos cheios de sol!

Ora uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
à porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia a ladeira,
no ar boiavam perfumes
místicos de laranjeira.

O rosto do mensageiro,
plácido, resplandecente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no Oriente.

Então, com voz grave, cheia
de uma infável poesia,
à Virgem da Galileia
Saudou-a: "Avé-Maria!"

Avé, ó lírio impoluto!
cheia de graça ante os céus.
Bento no ventre é o fruto.
Convosco é o Senhor Deus!

Mas Ela, com humildade,
come a rasteirinha erva:
— "Faça-se a vossa vontade,
Senhor! — eis a vossa serva."

Então, as rolas voaram.
Deu graças o Oceano vário.
— Mas, sobre as hastas, choraram
as violetas do Calvário.

VISADO PELA COMISSÃO
DECENSURA À IMPRENSA

GOMES LEAL

Doentes

— Encontra-se doente, e infelizmente com gravidade, a nossa prezada assinante, Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz da Cunha Vieira, cujo restabelecimento pedimos ardentemente a Nossa Senhora da Franqueira.

— Também se encontra enfermo e gravemente o Ex.^{mo} Snr. Bento Antas da Cruz, nosso distinto colaborador, tão apreciado dos leitores de "A Franqueira.", desejando-lhe do coração completo e rápido restabelecimento.

— Guardou também o leito, por padecimento felizmente passageiro, a nossa prezada assinante, Ex.^{ma} Sr.^a D. Emília Duarte, a quem cumprimentamos respeitosamente.

Assinantes das Aldeias

Vamos pedir aos muito dignos e dedicados párocos das freguesias rurais o especial favor de se incumbirem da aceitação da importância das assinaturas do nosso mensário.

Será um relevante serviço que nos prestam Suas Rev.^{as} e pelo qual «A Franqueira» se confessa desde já profundamente agradecida.

Por tal motivo, todos os nossos prezados assinantes das aldeias que não possam pagar as suas assinaturas na administração do nosso mensário, que é na Rua Infante D. Henrique, n.^{os} 2 a 8, poderão entregar as importâncias aos respectivos párocos.

Devoção a S. Bento

Na linda Igreja de Nossa Senhora do Terço, que alveja ao cimo do nosso Campo da Feira, venera-se o Patriarca S. Bento.

É culto tradicional, sempre em constante desenvolvimento, com a nota interessantíssima e simpática da distribuição dos ovos recebidos em esmolas pelos doentinhos pobres, que infelizmente tantos são.

O encerramento das Festas Comemorativas do 3.º Centenário da Consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição,

vai ter lugar na secular Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, no dia 8 de Dezembro.

Conjugam-se todos os esforços para que a festa que se vai realizar no dia 8 de Dezembro, no histórico monte da Franqueira, em honra de Nossa Senhora da Conceição, atinja este ano o maior brilhantismo, por ser o fecho das festas comemorativas do 3.º centenário em que o Rei D. João IV proclamou a Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal.

O dia 8 de Dezembro, é por excelência, dia de festa Nacional, por ser o dia consagrado à Padroeira dos portugueses, que lá do alto, sempre solícita, e cheia de Amor pelos seus filhos, vela atenta pelos destinos da Nação, que em hora feliz a proclamou Rainha.

Desde a fundação da nacionalidade até aos nossos dias que se vem arreigando cada vez mais, o culto de veneração à Santíssima Virgem, culto êsse iniciado por portugueses de lei, como Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Bartolomeu Dias, Afonso de Albuquerque, D. Afonso Henriques, D. Nuno Alvares Pereira e muitos outros, que arrostando com as procelas do mar ou lutando em terra pela independência da Pátria, em horas trágicas e decisivas, imploravam a valiosa protecção da Santíssima Virgem, que logo os protegia com amor maternal.

Por estas provas de Amor e carinho que a Santíssima Virgem sempre dispensou aos portugueses, é que os barcelenses mais uma vez vão agradecer a Nossa Senhora, sob a invocação de Santa Ma-

ria da Franqueira, os muitos benefícios que dela teem recebido, implorando com muito fervor a sua valiosa protecção para que faça reinar no coração dos homens o Amor, livrando-nos dos horrores da guerra, que tanto teem flagelado o Mundo, já tam cansado de sofrer.

ZÉ DA PÓVOA.

Os nossos agradecimentos

É para nós motivo de viva satisfação o óptimo acolhimento recebido de todos a quem endereçamos o nosso mensário.

Atendendo à larga distribuição que vimos fazendo o número de aceitações é bastante elevado, nas aldeias e sobretudo na cidade.

E o nosso cobrador é bem recebido, o que por esta forma a todos agradecemos.

A boa aceitação que geralmente nos foi dispensada é a recompensa que tomamos pelos nossos esforços, interpretando-a como sinal inequívoco do bairrismo e dedicação dos nossos conterrâneos e amigos,

A todos muito, obrigados.

Mons. Alves da Rocha

Depois de uma permanência entre nós, que foi uma consagração, retirou para o Rio de Janeiro, o Rev.^{mo} Mons. José Maria Alves da Rocha, Capelão do Santuário fluminense consagrado a Nossa Senhora da Penha.

sante escultura do século XVIII, esculpida em madeira, massa, de forma oval, encerrando um esqueleto, numerosas moedas de cobre, e algumas de prata

A Comissão que ao tempo administrava a Confraria, e que com tanto carinho e zelo deu o maior impulso às obras de aformoseamento do Monte da Franqueira, mandou cobrir a cova funerária com uma pedra de granito e gravar a inscrição: *Aqui se conserva uma sepultura medieval com um esqueleto — Descoberta em 1941*

tam em bocetes de saliências carcomidas, destacando-se ainda em um deles um escudo bipartido.

Na parede lateral, voltada ao norte, rasga-se uma pequena porta, em arco de meio ponto, com nervura circundante, que dá ingresso à sacristia.

Sobre dois degraus de granito assentam três colunas cilíndricas, de jaspe, em que se apoia a pedra do altar, que serve também de encaixe e seguro resguardo a uma outra pedra de jaspe.

Este altar constitue uma preciosa reliquia histórica:

D. Afonso, 9.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, filho bastardo de D. João 1.º, acompanhou seu pai a Ceuta e tomou parte na conquista daquela praça moira.

Como trofeu de vitória trouxe o Conde de Barcelos, do palácio do governador de Ceuta Callubencayla, a pedra e as colunas de jaspe que fez conduzir para a Ermida da Franqueira e com elas mandou erigir o altar que ali se vê e que é, em Terra de Portugal, o glorioso Padrão que marca o início do ciclo fulgente das Descobertas e Conquistas da esforçada e superior raça portuguesa.

Por cima do altar, em misula gótica, ornada com motivos alusivos ao fundador da ermida — Egas Moniz — assenta a imagem da Virgem da Franqueira, interes-

SOLIDARIEDADE HUMANA

Aproxima-se uma quadra triste e má para muitos seres humanos, os pobrezi-nhos. Infelizes, tudo lhes falta, desde o alimento, que os sustente, ao agasalho e abrigo, que os livre dos rigores do mau tempo que se avizinha. Não dispõem de celeiros nem de dispensas e o seu sustento, o seu pão de cada dia, será dádiva que esperam das almas generosas.

Tantos, velhinhos, cansados de penosos e longos anos de trabalho duro, gemem na última quadra da vida, sofrendo miséria e fome, quando são dignos de bem outra sorte. A ingratidão e egoísmo do homem — que é lobo do homem — negam-lhes o amparo e conforto aliás merecidos em longa vida, toda ela passada em canseiras e trabalhos. Jazem, porém, abandonados, até que chegue a hora do termo da sua vida que quase foi só de penar!

Criancinhas, orfãos e viúvas, quanto sofrem desde que o homem, tentado de loucos sonhos e perdido de desmedidas ambições, se esqueceu daquela sublime doutrina que os manda amparar e cujo abandono, cuja perseguição, exprou como crime que os Céus não sabem nem podem perdoar.

Doentinhos — tantos e tão malzinhos — quem se lembra ainda daquêles preceito do Senhor que nos diz que a felicidade, a paz e o Céu se conquistam na prática da sublime caridade de consolar e aliviar os doentinhos?

— Cristão, é longa e terrivelmente feia a enumeração das misérias neste tempo em que vives.

E porquê? não duvides, porque parece terem desaparecido os bons sentimentos na face da terra; porque o Senhor te mandou amar o teu próximo como pre-

ceito fundamental e, afinal, sê franco e reconhece sinceramente que temos feito precisamente o contrário. Desapareceu a solidariedade entre os teus semelhantes que passaram a ser explorados uns pelos outros. O egoísmo, a ambição, a impiedade dominaram o coração dos mortais e o homem tornou-se uma fera, tantas vezes de si próprio.

O coração, os sentimentos que nos fizeram generosos e bons, a lealdade e honestidade — timbre e regra da nossa vida, tornaram-se apenas símbolos e dessas virtudes quase só restam aparências.

A estima e respeito pelo próximo, o amor e dedicação muitas vezes até por aquêles a nós mais chegados, foram substituídos por uma ânsia desmedida e pecaminosa de a todos sobrelevamos e de impormos, por que modos nem sempre importará, as nossas comodidades, os nossos interesses, as nossas ambições, a tudo e a todos, em atropelo às mais elementares regras da cortezia, da dignidade, da moral e do direito.

E afinal, para quê, se te tornaste cada vez mais terrivelmente infeliz.

Que te importa — é para ti que escrevo, cristão — ganhares o mundo inteiro se com isso vais perder a tua alma!

Visita

A assistir às festas da Consagração do Concelho de Barcelos ao Imaculado Coração de Maria, esteve entre nós a Sr.^a D. Sofia Landolt Machado, estimada assinante do nosso jornal e residente na cidade do Pôrto.

Aniversário

No dia 20 de Agosto, completou 20 risonhas primaveras, a menina Maria Eduarda Araújo Landolt, estimada filha do nosso amigo Sr. Eduardo Correia Landolt, considerado Mordomo da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira.

Que esta data se repita por muitos anos, cheios de felicidade, e nos perdoem o atrazo da notícia, motivado pela sempre arrelhiadora falta de espaço.



8 de Dezembro

Para encerramento das comemorações jubilares do Tricentenário da Padroeira, um grupo de pessoas piedosas prepara-se para realizar na Franqueira importantes solenidades em honra de Nossa Senhora da Conceição.

Segundo nos informam haverá tríduo de pregações, missa solene, sermão, etc., oferecendo-se na ocasião uma coroa de oiro a Nossa Senhora da Franqueira, mi lenária Padroeira dos Barcelenses.

No nosso próximo número publicaremos o programa respectivo.



Movimento da Acção Católica

Para dirigir os destinos da Liga Operária Católica desta cidade, acabam de ser eleitos para 1946-1947, os seguintes senhores:

Presidente — José Pereira.

Secretário — Amadeu dos Santos Pereira.

Tesoureiro — José Rodrigues Pereira.

Aos novos dirigentes, que tomam posse no mês de Outubro, envia *A Franqueira* efusivas saudações.

Existe também nesta capela uma outra imagem, primorosa escultura quinhentista, que é venerada sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

E' uma preciosidade artística, ignorada por muitos iconografos e que, não há muito tempo, o ilustre escritor e eminente crítico de arte P.^e J. da Costa Lima, em primoroso trabalho publicado na *Brotéria*, sob o título *Formosura Esquecida*, tirou do olvido.

E' deste autorizado iconografo a seguinte descrição da imagem que até ao final do século XVII foi venerada sob a invocação de Nossa Senhora da Franqueira:

"A Virgem erectá, notada no *Santuário Mariano*, é espécime de encanto pela arte que demonstra, muito apreciável, e já do século XVI.

Mede um metro e doze centímetros de altura. A goiva que a talhou era de artista de grande sensibilidade. Esbelta no seu conjunto, embora o pormenor e realismo anatomico ofereça reparos, majestosa na linha, equilibrada no jogo dos mantos sem pregas complicadas, um deles confundido com a túnica pela repintura, tem jus a elogio de frei Agostinho de Santa Maria.

O crítico exigente é forçado a admirar aquele rosto oval, de frente alta, emoldurado com leveza pelas madeixas ondeantes do cabelo, caídas sobre o peito, des-

coberto pelo decote rectangular, e ao qual o Menino, despido e forte, lança confiado o braço.

Os gestos da Mãe que O ostenta teem elegância de movimentos, ainda que a estilização dos dedos da mão esquerda contrarie a maior naturalidade da dextra sobraçada.

A atitude da mão esquerda, pegando no pé direito do Divino Infante, é frequente nos icones de Maria, e chega ao século XVI, consagrada pelo Renascimento Coimbrão..

Como acabamos de aludir, esta imagem foi venerada, sob o título de Nossa Senhora da Franqueira, até ao final do século XVII, ocupando o altar maior, e substituída pela actual e deslocada para outro altar arrimado à parede do corpo principal, junto do cruzeiro, do lado do Evangelho, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves (1).

Em 1941, quando se procedia ao arranjo do pavimento da nave da Ermida, foi encontrada uma curiosa sepultura medieval, cavada no solo e revestida de arga-

(1) Este altar foi mudado, mais tarde, para perto do púlpito da capela, onde hoje se encontra.